



**Dublinenses**  
*James Joyce*

ANMOSTRRA



# Dublinenses

*James Joyce*

TRADUÇÃO de André Caramuru Aubert

TORDSILHAS

# Dublinenses

Copyright © 2025 TORDESILHAS

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editora Ltda, empresa do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

ISBN: 978-65-5568-266-3.

*Translated from original Dubliners. PORTUGUESE language edition published by Alaúde, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.*

*Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

J89d

1.ed. Joyce, James

Dublinenses / James Joyce ; tradução André

Caramuru Aubert. - 1.ed. - Rio de Janeiro :

Tordesilhas, 2025.

256 p. ; 15,7 x 23,0 cm.

Título original: Dubliners.

ISBN 978-65-5568-266-3

1. Contos ingleses. I. Aubert, André Caramuru.

I. Título.

05-2025/09

CDD 823

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Contos : Literatura inglesa 823

**Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129**

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo..

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutûs

**Coordenadora Editorial:** Mariana Portugal

**Produtora Editorial:** Viviane Corrêa

**Tradução:** André Caramuru Aubert

**Copidesque:** Vera Moraes

**Revisão:** Ellen Andrade

**Diagramação:** Natalia Curupana

**Capista:** Diego Santos

**Prefacista:** Fábio Fernandes

  
**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

**Ouvidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)

Editora  
afiliada à:

 **alabr**  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE  
EDITORES ASSOCIADOS

ASSOCIADO  **CBL**  
Conselho  
Brasileiro  
de Livro

# SUMÁRIO

PREFÁCIO . . . . .	VII
AS IRMÃS . . . . .	I
UM ENCONTRO . . . . .	12
ARÁBIA . . . . .	22
EVELINE . . . . .	30
DEPOIS DA CORRIDA . . . . .	36
DOIS GALANTES. . . . .	43
A PENSÃO . . . . .	56
UMA PEQUENA NUVEM . . . . .	65
CONTRAPARTIDA . . . . .	82
ARGILA . . . . .	95
UM CASO DOLOROSO. . . . .	103
DIA DE HERA NA LAPELA NA SALA DO COMITÊ . . . . .	114
MÃE . . . . .	136
GRAÇA . . . . .	151
OS MORTOS. . . . .	180
SOBRE O AUTOR. . . . .	233
CRONOLOGIA . . . . .	237

Nesta obra fictícia, as ideias, falas e opiniões podem reforçar estereótipos e noções preconceituosas. Tais ideias são produtos do contexto da época em que foram criadas e não necessariamente refletem a opinião da editora.

AMNOSTRIA

## PREFÁCIO

### ***Dublinenses*: uma cidade e suas almas aprisionadas no tempo**

James Joyce costumava dizer que Dublin poderia ser reconstruída pedra por pedra caso alguém lesse seu livro com atenção suficiente. Em *Dublinenses*, publicado em 1914, o autor irlandês capturou não apenas a geografia de sua cidade natal, mas principalmente a anatomia moral de seus habitantes. O que parece à primeira vista uma coletânea de contos realistas sobre pessoas comuns revela-se, sob um olhar mais atento, um retrato implacável da condição humana sob o peso da história, da religião e das próprias limitações individuais.

A originalidade de Joyce reside justamente nessa capacidade de transformar o aparentemente banal em algo extraordinário. Tomemos como exemplo o conto *Eveline*, onde uma jovem hesita entre ficar cuidando do pai abusivo ou embarcar para a Argentina com o namorado. A cena poderia ser mera crônica social, mas nas mãos de Joyce transforma-se em estudo psicológico universal sobre o medo da liberdade. Quantos de nós, em pleno século XXI, não nos reconhecemos na paralisia de Eveline diante de escolhas que poderiam mudar nossos destinos?

Essa “paralisia” — termo que o próprio Joyce usava para descrever Dublin, cidade onde nasceu — permeia todos os contos de forma quase obsessiva. Em *Um Caso Doloroso*, o sr. Duffy, homem metódico e intelectual, rejeita o amor da sra. Sinico por medo de que isso perturbe sua rotina organizada. Anos depois, ao saber que ela morreu em circunstâncias trágicas, Duffy tem uma epifania sobre a vacuidade de sua existência protegida. Joyce constrói essas cenas com precisão cirúrgica, mostrando como nossas defesas emocionais podem se tornar nossas próprias prisões.

O contexto histórico é essencial para compreender a profundidade desses contos. A Irlanda do início do século xx seria assolada por uma tragédia que marcaria para sempre a história daquele país e seu povo: a Grande Fome. Causada inicialmente por uma praga que contaminou em larga escala as batatas em toda a Europa, ela afetou ainda mais a população irlandesa: nada menos que um terço dela dependia da batata para sua sobrevivência.

A Grande Fome provocou, entre 1845 e 1852, a morte de mais de um milhão de pessoas na Irlanda e forçou a imigração de um número semelhante, grande parte das quais foram para os Estados Unidos, reduzindo a população irlandesa em cerca de 25%. Mas a praga não foi culpa somente da natureza: o governo britânico, com sua política de negligência e assistência inadequada, foi amplamente responsabilizado pela tragédia. Esse trauma coletivo aparece em histórias como *Dois Galantes*, onde somos apresentados a Corley e Lenehan, dois homens que exploram mulheres para ganhos materiais. A moeda que Corley obtém de sua conquista simboliza a degradação moral em uma sociedade onde relações humanas são transações. O conto reflete a precariedade econômica pós-Fome, onde a sobrevivência vale mais que a ética. Já em *A Pensão*, onde o casamento é tratado como transação comercial, Joyce mostra como a miséria material gera degradação moral, mas sem jamais reduzir seus personagens a meras vítimas — cada um tem agência, mesmo que usada para autodestruição.

A relação complexa dos irlandeses com a religião católica é outro tema central. Em *As Irmãs*, a morte do padre Flynn — que sofreu uma paralisia antes de falecer — serve como metáfora para uma Igreja que perdeu seu poder espiritual, mas mantém seu domínio social. Se o padre padece de uma paralisia física, o domínio da igreja católica gera outro tipo de paralisia, que torna os irlandeses incapazes não de se moverem fisicamente, mas de tomarem qualquer

atitude que possa de algum modo libertá-los daquela vida cotidiana em busca de algo melhor em outra parte.

Já em *Graça*, um grupo de homens tenta “salvar” um alcoólatra levando-o à igreja, num ritual vazio que ignora as verdadeiras causas de seu vício. Joyce, que rompeu com o catolicismo ainda jovem, critica não a fé em si, mas seu uso como ferramenta de controle e hipocrisia.

O estilo de Joyce em *Dublinenses* já anuncia o modernismo que desenvolveria em obras posteriores. Embora use uma estrutura aparentemente tradicional, ele introduz técnicas inovadoras como o “fluxo de consciência” (embrionário aqui, mas pleno em *Ulisses*) e as “epifanias”, momentos súbitos de revelação psicológica. Em *Arábia*, o protagonista adolescente vive o êxtase do primeiro amor e o desmoronamento dessa ilusão numa feira que imaginava exótica, mas que se revela vulgar. A descrição dessa descoberta amarga é tão vívida que qualquer leitor que já experimentou a desilusão juvenil se sente imediatamente reconhecido.

A genialidade de Joyce está em sua capacidade de equilibrar o particular e o universal. Embora cada conto seja profundamente enraizado na Dublin de 1900, os temas transcendem tempo e geografia. Quando lemos sobre Farrington em *Contrapartida* — um escriturário humilhado que desconta sua frustração na família —, reconhecemos padrões contemporâneos de violência doméstica e alienação no trabalho. Maria, a solteirona ingênua que vive uma existência pequena (como o seu tamanho, que Joyce faz questão de apontar) em uma lavanderia protestante, poderia ser qualquer idoso invisível em nossas cidades hoje. Maria aqui é quase uma Macabéa irlandesa, que, assim como a personagem de Clarice Lispector, encara a vida com simplicidade e um certo otimismo, que não a salva da invisibilidade social.

*Depois da Corrida* é um tapa na cara da elite irlandesa, que, apesar de viver em um país empobrecido, imita os hábitos decadentes da aristocracia britânica. O jovem Jimmy, endividado após uma noite de excessos, personifica a dependência econômica da Irlanda em relação à Inglaterra. É possível ver em Jimmy uma versão medíocre e inacabada de Jay Gatsby, mas, ao contrário do protagonista do clássico de F. Scott Fitzgerald, ele não tem elegância nem competência para ascender culturalmente, e essa é sua dor.

Já em *Dia de Hera na Lapela na Sala do Comitê*, trabalhadores à frente de uma lareira no final de um dia de eleição esperam para receber o dinheiro que lhe prometeram pelo trabalho na captura do voto. Eles trazem na lapela uma folha de hera, que lembra o dia da morte de Charles Stewart Parnell, político nacionalista morto em 1891, que teve um papel importante na causa irlandesa no Parlamento. O aniversário de sua morte e a hera na lapela representam a persistência da luta necessária — ainda que essa luta ali fosse em vão, pois os homens sabem que seu voto irá para um político aproveitador e interesseiro.

Falando na questão política, é preciso ressaltar outro ponto importante nos contos de *Dublinenses*. O fracasso do *Home Rule*, a proposta de autogoverno irlandês dentro do Reino Unido, está sempre presente de uma forma ou outra nestas histórias. Apesar das promessas políticas, a Irlanda permanecia sob controle britânico, e a frustração com a inércia parlamentar alimentava movimentos mais radicais, como a criação do movimento Sinn Féin, em 1905, e a posterior Revolta da Páscoa, em 1916. Ainda que esse levante pela independência e sua consequência mais direta, a criação do IRA (Exército Republicano Irlandês) em 1919, tenham se dado depois da publicação do livro, o ambiente na Irlanda era quase irrespirável, e Joyce era um observador sagaz da realidade de seu país.

Joyce não apenas documenta a paralisia irlandesa, mas expõe suas raízes no colonialismo e na moralidade distorcida que ele gerou. Cada conto é um microcosmo do trauma coletivo que levaria, pouco depois, à Revolta da Páscoa.

E essa revolta é coletiva, mas ao mesmo tempo profundamente individual. Como em *Uma Mãe*, onde a sra. Kearney, ao exigir pagamento justo para a filha pianista, é vilipendiada pelos organizadores do evento. Joyce faz questão de frisar que ela é tratada como uma pessoa absolutamente sem importância, o que revela a marginalização das mulheres que ousavam desafiar as estruturas de poder. Joyce mostra como o nacionalismo cultural reproduz a mesma exploração que diz combater, e nisso a sra. Kearney e sua filha (que ainda é mais invisibilizada que a mãe) sofrem um preconceito semelhante ao de Clara dos Anjos no livro homônimo. Mas se em Lima Barreto a questão racial estava acima de tudo, na Dublin do começo do século xx o que impera são as questões de religião e classe social, que são igualmente devastadoras para as mulheres irlandesas pobres.

Nenhuma análise de *Dublinenses* estaria completa sem mencionar *Os Mortos*, considerado pelo poeta modernista T. S. Eliot um dos melhores contos da língua inglesa. Nele, Gabriel Conroy, professor universitário pretensioso, participa de uma festa de Natal repleta de tensões sociais não ditas. Ao descobrir que sua esposa Gretta ainda chora por um amor juvenil que morreu por ela, Gabriel tem uma epifania devastadora sobre sua própria insignificância. *Os Mortos* foi adaptado para o teatro por Hugh Leonard em 1967, e em 1987 virou filme sob a direção de John Huston, tendo Anjelica Huston como Gretta.

Joyce escreveu *Dublinenses* no exílio, longe da Irlanda que tanto criticava e amava. Talvez essa distância tenha permitido o olhar tão aguçado, capaz de ver Dublin como microcosmo do mundo. Ao ler estes contos hoje, percebemos que as mesmas forças que paralisavam

seus personagens ainda nos afetam: o medo da mudança, o peso das expectativas, a sedução da nostalgia. Mas Joyce não nos deixa sem esperança. Em cada epifania, por mais dolorosa que seja, há um convite à lucidez e, quem sabe, à libertação.

Para o leitor contemporâneo, especialmente os jovens, *Dublinenses* oferece não apenas um retrato histórico, mas um espelho. Quantos de nós não temos nossas próprias versões da paralisia joyceana? Seja na indecisão profissional, nos relacionamentos frustrados ou no conflito entre tradição e modernidade, os dilemas dos dublinenses de 1914 continuam surpreendentemente atuais. Joyce nos ensina que reconhecer essas prisões — sociais e psicológicas — é o primeiro passo para transcendê-las. E essa lição, mais de um século depois, permanece tão vital quanto quando foi escrita.

### **Depois de *Dublinenses***

James Joyce é um dos nomes mais famosos da literatura do Ocidente, e isso não é dizer pouco em tempos de redes sociais e celebridades instantâneas. Oitenta e quatro anos depois de sua morte, o nome do romancista irlandês ainda é bastante celebrado: existe até uma data especial só para lembrar seu romance mais famoso. No Bloomsday, comemorado todo dia 16 de junho, fãs de todo o planeta releem trechos de *Ulisses*, sozinhos ou em grupo, e os mais sortudos lotam as ruas de Dublin para percorrer os lugares por onde o protagonista desse livro, Leopold Bloom, caminha ao longo de um dia inteiro, pensando na vida, no amor e na morte.

Paradoxalmente, talvez *Ulisses* seja um livro mais famoso ainda por *não ser lido*: considerado muito difícil até mesmo por leitores de língua inglesa, ele sofre o preconceito de pessoas que chegam a ter medo de abrir o livro e não entender nada.

Não é verdade. Difícil é *Finnegans Wake*, seu último livro, escrito no que se chama fluxo de consciência, ou seja, como se saísse direto

da cabeça do autor sem filtros ou revisões, misturando prosa e poesia e até onomatopeias inventadas, e que, no entanto, já teve várias traduções para o português, todas criativas e que abrem portas para a compreensão da prosa joyceana em nosso idioma.

No Brasil, a impressão de impenetrabilidade da obra de Joyce talvez se deva à tradução de Antonio Houaiss realizada em 1966. Houaiss, lexicógrafo que viria anos depois a ser criador de um dos maiores e mais completos dicionários da língua portuguesa, optou por verter termos que em inglês são corriqueiros por palavras em português, mas com raízes gregas e latinas. O que não torna a leitura impossível de modo nenhum, mas dificulta a imersão na obra, por assim dizer.

Não é o caso deste livro que você tem em mãos: os contos de *Dublinenses* pertencem ao movimento literário chamado *naturalismo*, que rejeitava o romantismo predominante no século XIX e buscava retratar a sociedade de modo frio e objetivo, até com um certo caráter científico, como se o escritor fosse um cientista olhando o mundo e seus habitantes por um microscópio.

Acabei de dizer que os contos deste volume pertencem ao naturalismo, mas com James Joyce realmente a coisa não é simples. Onde autores como o francês Émile Zola, tido como o criador do naturalismo, usava efetivamente essas regras para construir suas narrativas que denunciavam as injustiças que as elites praticavam contra os desvalidos, Joyce é mais cínico e crítico. Se Zola buscou em *Germinál*, por exemplo, descrever com riqueza de detalhes as condições subumanas de trabalhadores de uma mina de carvão no interior da França, Joyce descreve o caráter e a mente dos irlandeses por intermédio desses pequenos retratos de dublinenses.

Ele mantém a observação distante do cientista, mas seus personagens não são bidimensionais, ainda que de vez em quando (como no conto de abertura, *As Irmãs*) eles pareçam menos, digamos, vívidos.

Mas mesmo isso é uma crítica arguta de Joyce ao que ele considerava a passividade do irlandês de classe média, com sua religiosidade ritualística (que, como Joyce aponta, muitas vezes superficial, não passando do que hoje se convencionou chamar de  *sinalização de virtude*) não tão profunda e um apego (este sim, fundo) à tradição, mesmo que essa tradição sirva para oprimir mais do que para ajudar.

Daí a busca peripatética de Joyce e seus personagens, que não começa com as andanças de Leopold Bloom em *Ulisses*. Ela já pode ser achada em contos como *Um Encontro*, onde o protagonista sem nome (mas que supomos ser o próprio Joyce na adolescência) aprende com um amigo coisas sobre o Velho Oeste americano e conclui, com certa ingenuidade, que “aventuras de verdade, refleti, não acontecem com quem fica em casa: é preciso viajar atrás delas”.

E o próprio Joyce buscou isso. Nascido numa família de classe média de Dublin em 1882, mudou-se para a Europa com Nora Barnacle, que viria a ser sua esposa, em 1904. E nunca mais parou de viajar e se mudar.

Primeiro para Pola, na Croácia, e logo em seguida para Trieste, na época pertencente ao Império Austro-Húngaro, onde trabalharia como professor de inglês e viveria até 1915, durante a Primeira Guerra Mundial. Foi nessa cidade, hoje parte da Itália, que Joyce publicou seus primeiros dois livros: o livro de poemas *Chamber Music* e a coletânea *Dublinenses*. Ele ainda começaria a publicar seu primeiro romance, *Retrato do Artista Quando Jovem*, no formato de folhetim, nas páginas da revista inglesa *The Egoist*. Passaria a maior parte da guerra em Zurique, na Suíça, e depois de um breve retorno a Trieste, se mudaria de mala e cuia para Paris, onde viveria até 1940.

Os personagens de Joyce parecem seguir — ou tentar — aquilo que seu protagonista em *Um Encontro* anseia: esse *wanderlust*, palavra sem tradução direta para o português que significa um desejo incontrolável de viajar, de sair vagando mundo afora e viver mil

aventuras. Nem todos conseguem isso — na verdade, praticamente nenhum dos personagens de sua literatura consegue escapar à poderosa gravidade da terra natal. Gravidade que aqui não deve ser encarada de modo apenas literal, como a atração que os planetas têm em relação à órbita de um sol, mas também no sentido de *seriedade*, e uma espécie de luto perpétuo que os dublinenses daquele tempo pareciam vivenciar.

Foi o inconformismo de Joyce que o levou a Paris antes mesmo de sua mudança definitiva para o continente com Nora. Em 1902, ao ter negada uma bolsa para estudar medicina na Catholic University Medical School de Dublin, foi para a École de Médecine na capital da França, onde recebeu permissão para fazer o curso. Mas em poucos meses desistiu da medicina e permaneceu em Paris, onde passava os dias lendo na Bibliothèqure Sainte-Geneviève, na Sorbonne. Voltou à Irlanda em 1903, quando soube que a mãe estava gravemente doente. Durante seus últimos dias, ela tentou, sem sucesso, fazê-lo se confessar e comungar. Logo após o falecimento de Mary Jane, Joyce e seu irmão Stanislaus — ambos batizados católicos mas que já haviam abandonado a igreja — se recusaram a se ajoelhar com outros membros da família à beira do leito da falecida, como era comum naquele tempo.

Nos contos de *Dublinenses*, podemos ver algumas pequenas “malcriações” semelhantes de seus personagens, que representam a atmosfera densa de uma sociedade à beira da ebulição revolucionária, mas ainda presa em sua paralisia. Mas o mosaico de personagens e situações de *Dublinenses* não fala somente da Irlanda. Se assim fosse, o livro não teria feito sucesso fora das fronteiras daquele país. James Joyce constrói um impressionante painel de personagens acorrentados às suas próprias limitações, seja pela desilusão amorosa, pelo medo da mudança ou pelo peso da história — algo que ele deixaria mais explícito pela frase lapidar “A história é um pesadelo do qual estou tentando despertar”, dita por Stephen Dedalus em *Ulisses*.